

O jovem Sérgio

L.M.

Onestaldo de Pennafort, bom poeta e excelente tradutor de poetas franceses — de quem há muito não ouço falar — publicou em 1958 um encantador livrinho sobre o compositor Mario Penaforte, que não é seu parente (ele assinando-se Pennafort — e o outro Penaforte), “Um Rei da Valsa”. Encantador, digo, o livrinho, porque retrata nostalgicamente o Rio de Janeiro literário, artístico, social e boêmio de 1920. Nesse tempo, eu era um menino, porém muitas das figuras evocadas por Pennafort vim depois a conhecer e algumas ainda hoje integram o rol das minhas mais caras amizades. Por exemplo: de Sergio Buarque de Holanda, eminente historiador, meu querido amigo e pai do Chico, é este curioso perfil:

“O Sergio, muito jovem, alto, de monoculo, na aparência física e no aplomb natural um Henri de Régnier sem calva e sem bigode, aparecia sempre sobraçando umas dez brochuras, os ultimos vient de paraitre da Nouvelle Revue Française, entre os quais sempre um Proust, quando não era um Rilke, que ele adorava. Foi o maior leitor que conheci; não lia, devorava os livros. A sua fome e a sua sede de leitura eram inauditas, daí a sua prodigiosa informação, daí a cultura que, além do seu talento, contribuiu para o tornar o notavel ensaísta, historiador e crítico de historia e literatura que é hoje. Além dos classicos e dos antigos, conhecia todos os modernos, à época, da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Italia e da Russia. A ele devo o conhecimento que então travei com alguns dos escritores eslavos desconhecidos à época e com Rilke. Vieram para o Rio como “Consul do Modernismo de S. Paulo”, como por brincadeira se dizia dele; na verdade, era o representante da revista Klaxon, dita futurista, de S. Paulo. Mas logo que chegara, mandara rezar, numa das nossas igrejas, em 30 de novembro de 1922, uma missa por alma de Oscar Wilde, pela passagem do vigesimo segundo aniversario da morte do poeta inglês. Assim (talvez pour épater le bourgeois) conciliava ele a irreverencia do modernismo, o lamentavel amoralismo de Dorian Gray (que ao tempo já era, aliás, uma literatura prescrita) e a piedade cristã”.

Eis como era Sergio Buarque de Holanda aí por volta de 1920, ou vinte e tantos. Compare-se esse retrato com o famoso “Sergio anticafajeste”, de Manuel Bandeira.

SBH

Pt 125414

74/08/30

O Estado de São Paulo
s.p.

Martins, Luis
O Estado de São Paulo
30.8.74